

ARTIGO 03 – AMOR

A próxima etapa

SOBRIEDADE EMOCIONAL

Acredito que muitos veteranos que submeteram nosso Programa de Recuperação de A. A. a testes severos, mas bem-sucedidos, ainda descubrem que frequentemente lhes falta sobriedade emocional. Talvez eles venham a ser a ponta de lança do próximo desenvolvimento importante AM A. A. – o desenvolvimento de uma maturidade e um equilíbrio muito mais reais (o mesmo que dizer humildade), em nossos relacionamentos com nós mesmos, com nossos companheiros e com Deus.

Aqueles anseios adolescentes que tantos de nós experimentavam, por aprovação superior, segurança perfeita e romance perfeito – anseios muito adequados quando se tem dezessete anos – revelam-se uma forma de vida impossível quando temos quarenta e sete ou cinquenta e sete anos.

Desde o início de A. A., passei por imensos percalços em todas as áreas, devido à minha incapacidade de crescer emocional e espiritualmente. Meu Deus, como foi doloroso tentar exigir o impossível e como doeu descobrir, finalmente, que havíamos colocado o carro adiante dos bois durante todo esse tempo! Veio então a agonia final de perceber o quão pavorosamente errados tínhamos sido, mas ainda assim nos descobrimos incapazes de pular fora do carrossel emocional.

Como traduzir uma convicção mental correta em um resultado emocional correto e, assim, numa vida fácil, boa e feliz – bem, esse problema não é só dos neuróticos; é o problema da própria vida para todos nós que chegamos ao ponto da real disposição para respeitar princípios corretos em todas as nossas atividades.

Mesmo assim, à medida em que talhávamos esses princípios, a paz e a alegria ainda nos fugiam. Foi a esse ponto que tantos veteranos de A. A. chegaram. E é um ponto infernal, literalmente. Como poderá nosso inconsciente – de onde ainda fluem tantos dos nossos temores, compulsões e falsas aspirações – ser alinhado com aquilo em que realmente acreditamos, sabemos e queremos? Como convencer o nosso obtuso, raivoso e oculto “Mr. Hyde”, converte-se em nossa tarefa principal.

Cheguei recentemente à conclusão de que isso pode ser conseguido. Acredito nisso porque comecei a encontrar muitas pessoas perdidas na escuridão – gente como você eu – começando a obter resultados. No último outono, uma depressão sem nenhuma causa racional quase me levou para o buraco. Comecei a temer que estivesse me encaminhando para outro longo período crônico. Considerando-se as aflições que sofri com os períodos de depressão, a perspectiva não era nada brilhante.

Eu continuava me perguntando: “Por que é que os Doze Passos não podem funcionar para aliviar a depressão?” Lembrava-me a toda hora da Oração de São Francisco... “É melhor consolar do que ser consolado”. A fórmula estava lá, tudo bem. Mas por que é que ela não funcionava?

Percebi subitamente qual era o problema. Minha falha básica sempre fora a dependência – a dependência quase absoluta – de pessoas ou circunstâncias que me alimentassem com prestígio, segurança e coisa assim. Não conseguindo obter essas coisas de acordo com meus sonhos e especificações perfeccionistas, eu havia lutado por elas. E quando veio a derrota, assim também veio minha depressão.

Não havia nenhuma possibilidade de converter o altruísta amor de São Francisco em uma forma de vida funcional e radiosa, até que essas dependências fatais e quase absolutas fossem eliminadas.

Uma vez que eu havia experimentado um pequeno desenvolvimento espiritual ao longo dos anos, a qualidade absoluta dessas dependências apavorantes nunca fora antes tão cruamente revelada. Reforçado por um pouco de Graça que podia garantir através da oração, constatei que tinha que despender cada grama de força de vontade e ação para romper essas dependências emocionais falhas em relação às pessoas, ao A. A. e, na verdade, em relação a qualquer conjunto de circunstâncias que fosse.

Só então eu poderia ser livre para amar como São Francisco havia amado. As satisfações emocionais e instintivas eram na realidade, como percebi, os dividendos extras de experimentar o amor, oferecer o amor e expressar o amor adequado a cada relacionamento na vida.

Falando francamente, eu não poderia me tornar disponível para receber o amor de Deus, até que fosse capaz de oferecê-lo de volta amando aos outros da forma que Ele me amava. E eu não poderia possivelmente fazer isso enquanto fosse vitimizado pelas falsas dependências.

Para mim, dependência significava exigência – a exigência da posse e do controle das pessoas e das condições que me rodeavam.

Embora as palavras “dependência absoluta” possam parecer um truque, foram elas que me ajudaram a iniciar minha libertação até meu presente grau de estabilidade e silêncio mental, qualidades que estou agora tentando consolidar oferecendo amor aos outros, independentemente do seu retorno.

Esse parece ser o circuito de restabelecimento primordial: um amor altruísta pela criação de Deus e pelos Seus filhos, através do qual nos tornamos receptivos ao amor d’Ele por nós. É da máxima clareza que o fluxo verdadeiro não poderá fluir até que nossas dependências paralisantes sejam rompidas, e rompidas em profundidade. Somente então poderemos possivelmente ter um lampejo daquilo que o amor adulto realmente é.

Cálculo espiritual, dirá você. Nada disso. Observe qualquer recém-chegado em A. A. há seis meses trabalhando em um novo caso de Décimo Segundo Passo. Se a “vítima” disser “Vá para o Diabo”, o Mensageiro apenas sorrirá e se dedicará a outro caso. Ele não se sentirá frustrado ou rejeitado. Se o caso seguinte se interessar e, por sua vez, começar a conceder amor e atenção a outros alcoólicos embora não conceda nada ao seu Padrinho, este estará contente de qualquer forma. Nem assim ele se sentirá rejeitado; ao invés disso, ele se alegrará pelo fato do primeiro membro abordado estar sóbrio e feliz. E se o seu caso seguinte acabar mais tarde se tornando seu melhor amigo (ou amor), então o Padrinho experimentará a alegria máxima. Mas ele saberá muito bem que essa felicidade é um produto colateral – o dividendo extra por haver se dado sem nada exigir em troca.

A coisa realmente estabilizante para ele será ter e oferecer amor àquele bêbado desconhecido na soleira da sua porta. Assim trabalhava São Francisco, poderoso e prático: menos dependência e menos exigência.

Nos seis primeiros meses da minha própria sobriedade, trabalhei exaustivamente com muitos alcoólicos. Não tive êxito com nenhum deles. Não obstante, esse trabalho manteve-me sóbrio. A questão não era aqueles alcoólicos me darem alguma coisa. Minha estabilidade veio da tentativa de dar e não de exigir recebimento.

É dessa forma portanto que acredito que a estabilidade emocional possa funcionar. Se examinarmos cada contratempo que nos aparece, grande ou pequeno, descobriremos na raiz dele alguma dependência doentia e sua conseqüente exigência doentia. Vamos abandonar continuamente, com a ajuda de Deus, essas dependências embaraçantes. Poderemos então nos libertar para viver com amor; poderemos então ser capazes de dar o Décimo Segundo Passo, em relação a nós mesmos e aos outros, a fim de alcançar a sobriedade emocional. É claro que não ofereci a vocês nenhuma idéia realmente nova – apenas um truque que começou a desembaraçar alguns dos meus próprios “embruxamentos” em profundidade. Hoje em dia, meu cérebro não dispara mais compulsivamente para a exaltação, a grandiosidade ou a depressão. Consegui um lugar calmo sob o sol brilhante.

ORAÇÃO

Atribuída a São Francisco de Assis

“Ó Senhor!

Faze de mim um instrumento da Tua Paz;

Onde há ódio, faze que eu leve o Amor;

Onde há ofensa, que eu leve o Perdão;

Onde há discórdia, que eu leve a União;

Onde há dúvidas, que eu leve a Fé!

Onde há erros, que eu leve a Verdade;
Onde há desespero, que eu leve a Esperança;
Onde há tristeza, que eu leve a Alegria;
Onde há trevas, que eu leve a Luz!
Ó Mestre! Faze que eu procure menos
Ser consolado, do que consolar;
Ser compreendido, do que compreender;
Ser amado, do que amar...
Porquanto:
É dando que se recebe;
É perdoando, que se é perdoado;
E é morrendo que se vive para a Vida Eterna.
Amém”.

(Fonte: O melhor de Bill – paginas: 48 a 54)

UMA HISTÓRIA DE AMOR

Eu vivo uma verdadeira história de amor com A. A.

Incrível como em A. A. posso viver a palavra de Deus na sua expressão mais ampla, onde os princípios de qualquer religião humana estão presentes.

O reconhecimento de que sem Deus não sou nada, está lá, assumido e vivido.

O amor ao próximo, quando aceito o outro como ele é, não como eu gostaria que fosse, também está lá, no seu lema: viva e deixe viver.

A caridade/partilhada na troca e não na soberba de quem tem muito, dá a quem tem pouco. Mas, por incrível que pareça, o que dou é exatamente a mesma medida do que preciso. Não me esvazio, mas me encho.

A humildade, quando tenho consciência de minhas reais falhas.

Entrei em A.A quase por acaso. Na época, já tinha reconhecido minha incapacidade de beber “socialmente”. Também já sabia que sozinha eu não conseguiria. Que só uma força superior, infinitamente maior do que a minha, poderia me ajudar. Vinha realizando um levantamento das grandes besteiras e estragos que havia feito na minha vida e na vida dos outros. Tentava, na medida do possível e da minha capacidade, fazer os reparos. Mudava de atitudes e comportamentos. Tentava ressignificar meus erros, para que eles não fossem um peso, mas adubo para minha vida. Não queria ficar chorando em cima de mim mesma, com auto piedade, mas, queria sim, ganhar dignidade.

Comecei a trabalhar os meus defeitos de caráter e a fazer o meu inventário pessoal e, conseqüentemente, as devidas reparações às pessoas que havia magoado e prejudicado.

E minhas mudanças de comportamento se expressavam nas minhas atitudes em casa, no trabalho e com os amigos.

Foi quando conheci um membro de A. A. que me revelou seu anonimato, presenteou-me com a bibliografia básica da Irmandade e, quase sem querer (ele não sabia do meu problema), me apadrinhou em A. A..

Ao fazer a leitura do Livro Azul, e do Viver Sóbrio me dei conta da minha enfermidade. Decidi conhecer A. A..

Na primeira reunião já me identifiquei com as pessoas, falas e atitudes. Revivi o meu passado de ilusão alcoólica, que eu não queria mais e principalmente sabia o que eu queria viver daqui pra frente.

Fui ficando em A. A., amando e querendo bem; me identificando, me valorizando, me tornando gente “diferente-igual” a todo mundo.

A. A. foi o reconhecimento da vida que eu quero levar, a que grupo eu quero pertencer.

Em A. A. eu me encontrei e encontrei outros que querem viver assim: sóbrios e felizes. Sou feliz porque faço parte dessa linda irmandade chamada A. A.

Felizes 24 horas de plena sobriedade.

(Fonte: Revista Vivência – 112 – Mar./Abr.2009 – Roberta/Crateú/Orocó/PE)

UM MONUMENTO FEITO DE AMOR

Estive recentemente em Porto Alegre, por ocasião do XVI Seminário da Região Sul de A. A. e envio as impressões que tive a todos os amigos, que não estavam lá, mas que de alguma forma participaram.

No final do livro Dr. Bob e os Bons Veteranos esta escrito: “Dr. Bob foi enterrado exatamente como os outros sujeitos. Próximo a ele está Anne, como esteve durante tantos anos. Além de uma lápide simples, não há nenhum monumento”.

- Nenhum monumento?

Pois eu vi um pedacinho do monumento numa cidade do sul da América do Sul, muito abaixo do trópico de Capricórnio.

Vi um pedacinho do monumento nos companheiros que acompanhavam pela Internet, da Espanha, de Portugal, dos Estados Unidos, do Japão, além do Brasil todo.

Vi um pedacinho do monumento na companheira que, pelas suas 24 horas, atravessou o oceano e foi ajudar um desconhecido nas 24 horas dele, plantando a semente em Angola.

Vi um pedacinho do monumento nos companheiros que têm mais de três décadas de 24 horas, que começaram sem saber direito o que fazer, que erraram e acertaram, que brigaram e acreditaram, que já viram e ouviram de tudo, e estavam lá para provar que funciona.

Vi um pedacinho do monumento nas lágrimas e nos sorrisos partilhados entre os companheiros

que se encontraram depois de longa data, nos companheiros que se viram um dia antes, nos companheiros que se conheceram pessoalmente depois de muita conversa virtual, nos companheiros que estavam iniciando a caminhada para sair da dor.

Vi um pedacinho do monumento em cada um dos quase mil companheiros que foram lá, levando suas esperanças, forças e experiências e que depois juntaram tudo numa única imensa e alegre celebração.

O monumento, meu irmão, é muito maior do que se pode enxergar, porque o milagre que se realiza é muito maior do que o milagre que se deseja.

Levei minhas 24 horas.

Grata ao Poder Superior por ser parte deste monumento feito de amor!

Beijo e mais 24 abençoadas horas, ainda numa condição de parva deslumbrada com as benesses de A. A..

(Fonte: Revista Vivência – 113-Mai./Junh.2008-Constance/S.J.dos Pinhais/Paraná)

AMOR

“Na Opinião do Bill”

Companheiro e sócio

“O Dr. Bob foi meu constante companheiro e sócio na grande aventura de A. A.. Como médico e grande criatura humana que era, ele escolheu trabalhar com os outros em sua sublime dedicação a A. A. e alcançou um recorde que, em quantidade e qualidade, ninguém conseguira ultrapassar. Assistido pela incomparável Irmã Ignatia, no St. Thomas Hospital, em Akron, ele – sem receber pagamento – trabalhou clinicamente e auxiliou espiritualmente cinco mil sofredores.

Com todo o esforço e dificuldades do pioneirismo de A. A., nunca houve uma palavra dura entre nós dois. Por isso, posso dizer com toda a gratidão que o crédito foi todo dele.” Eu me despedi do Dr. Bob sabendo que ele ia se submeter a uma delicada cirurgia. O maravilhoso e antigo sorriso estava em seu rosto, quando me disse quase brincando: “Lembre-se Bill, não deixe que isso se acabe. Mantenha-o simples!” Saí sem conseguir dizer uma palavra. Essa foi a última vez que o vi.

Somos todos adoradores

Descobrimos que de fato tínhamos sido adoradores. Que calafrio nos dava pensar nisso! Não tínhamos, em várias ocasiões, adorado pessoas, sentimentos, coisas, dinheiro e a nós mesmos?

E também, com melhor motivo, não tínhamos contemplado com adoração o pôr-do-sol, o mar ou uma flor? Quem de nós não tinha amado alguma coisa ou alguém? Não foi com isto que

foram construídas nossas vidas? Não foram esses sentimentos que, afinal de contas, determinaram o curso de nossa existência?

Era impossível dizer que não éramos capazes de ter fé, amor ou adoração. De uma forma ou de outra, estivemos vivendo pela fé e nada mais.

Detenção diária

Não estamos curados do alcoolismo. O que fazemos, na realidade, é deter a doença do alcoolismo diariamente, o que depende da manutenção de nossa condição espiritual. Nós, de A. A., obedecemos a princípios espirituais, primeiro porque precisamos e depois porque gostamos do tipo de vida que essa obediência acarreta. O grande sofrimento e o grande amor são os disciplinadores de A. A.; não precisamos de nenhum outro.

Um coração cheio e agradecido

Um exercício que pratico é o de tentar fazer um inventário completo de minhas bênçãos e então aceitar as muitas dádivas que tenho, tanto temporais como espirituais. Aí então tento alcançar um estado de alegre gratidão. Quando essa espécie de gratidão é repetidamente afirmada e ponderada, ela consegue finalmente afastar a tendência natural de me felicitar por qualquer progresso que eu possa ter sido capaz de alcançar em alguns setores da vida. Tento me convencer de que um coração cheio e agradecido não pode abrigar nenhum orgulho. Quando cheio de gratidão, o coração por certo só pode dar amor, a mais bela emoção que jamais podemos sentir.

“Solitários” – mas não sozinhos

O que se pode dizer dos muitos membros de A. A. que, por várias razões, não podem ter uma vida familiar? No início muitos deles sentem-se sós, magoados e abandonados, ao testemunhar tanta felicidade doméstica ao seu redor. Se não podem ter esse tipo de felicidade, A. A. pode lhes oferecer satisfações igualmente valiosas e duradouras?

Sim, desde que eles se disponham a procurá-las. Cercados por tantos amigos Aas, os assim chamados “solitários” nos contam que já não se sentem sós. Em companhia de outros homens e mulheres, podem se dedicar a inúmeros ideais, pessoas e projetos construtivos. Podem participar de empreendimentos que por sua natureza seriam negados aos casados. Todos os dias vemos esses membros prestarem relevantes serviços e receberem, de volta, grandes alegrias.

Ver desaparecer a solidão

Quase sem exceção, os alcoólicos são torturados pela solidão. Mesmo antes de nossas bebedeiras se tornarem graves e as pessoas começarem a se afastar de nós, quase todos sofremos a sensação de estarmos sós. Ou éramos tímidos e não nos atrevíamos a nos aproximar dos outros, ou éramos capazes de ser bons sujeitos, sempre desejando ardentemente a atenção e o companheirismo, mas raramente conseguindo. Sempre existia aquela barreira misteriosa que não conseguíamos vencer nem entender.

Essa é uma das razões pela qual amávamos tanto o álcool. Mas até Baco nos traiu; ficamos finalmente arrasados e caímos numa terrível solidão.

A vida adquire um novo sentido em A. A. Ver pessoas se recuperarem, vê-los ajudarem os outros, ver desaparecer a solidão, ver crescer uma fraternidade ao redor de você, ter um grande número de amigos – essa é uma experiência que não deve ser perdida.

Confiança cega?

“Certamente não pode haver confiança onde não há amor, nem pode haver amor verdadeiro onde reina a maligna desconfiança.

“Mas será que a confiança exige que sejamos cegos em relação aos motivos dos outros ou até dos nossos? Claro que não: isso seria loucura. Certamente devemos avaliar tanto a capacidade de fazer o mal como a capacidade de fazer o bem das pessoas em quem vamos confiar. Esse inventário particular pode revelar o grau de confiança que podemos depositar em qualquer situação que se apresente.

“Mas esse inventário precisa ser feito com espírito de compreensão e amor. Nada pode prejudicar mais nosso julgamento, quanto as emoções negativas de suspeita, ciúme ou raiva.

“Tendo depositado nossa confiança numa outra pessoa, devemos fazer com que ela saiba disso. Desse modo, quase sempre ela vai corresponder de maneira magnífica e muito além da nossa expectativa.”

Esse assunto de honestidade

“Somente Deus pode saber completamente o que é honestidade absoluta. Portanto, cada um de nós tem que imaginar com o máximo de sua capacidade o que pode ser esse grande ideal.

“Faláveis como somos e sempre seremos na vida, é presunção supor que poderemos alcançar uma honestidade absoluta. O melhor que poderemos fazer é atingir uma melhor qualidade de honestidade.

“Às vezes precisamos colocar o amor acima da indiscriminada ‘honestidade objetiva’. Não podemos, sob o pretexto de uma ‘perfeita honestidade’, ferir cruel e desnecessariamente

outras pessoas. Sempre devemos nos perguntar: O que posso fazer de melhor e mais amoroso!”

A verdadeira tolerância

Aos poucos começamos a ser capazes de aceitar os erros dos outros, assim como suas virtudes. Inventamos a poderosa e significativa frase: “Vamos amar sempre o que há de melhor nos outros – e nunca temer o que tenham de pior”.

Finalmente começamos a perceber que todas as pessoas, inclusive nós, estão de alguma forma emocionalmente doentes e muitas vezes erradas. Quando isso acontece, nos aproximamos da verdadeira tolerância e percebemos o que significa de fato o verdadeiro amor ao próximo.

Amar todo mundo?

Poucas pessoas podem afirmar que amam com sinceridade todo mundo. A maioria de nós tem que admitir ter amado apenas alguns outros semelhantes; ter sido indiferente a muitos, e ter nutrido antipatia e até mesmo ódio a muitos outros.

Nós, Aas, descobrimos que precisamos de algo muito melhor a fim de manter nosso equilíbrio. A idéia de que podemos amar possessivamente algumas pessoas, ignorar muitas, e continuar a temer ou odiar quem quer que seja tem que ser abandonada, mesmo que seja aos poucos. Podemos procurar não fazer exigências descabidas àqueles que amamos. Podemos demonstrar bondade onde antes havíamos demonstrado. E, com aqueles com quem não simpatizamos, podemos pelo menos começar a prática da justiça e cortesia, talvez nos esforçando para compreendê-los e ajudá-los.

Amor irresistível

A vida de cada AA e de cada grupo é construída ao redor de nossos Doze Passos e Doze Tradições. Sabemos muito bem que a punição para a desobediência sistemática desses princípios é a morte do indivíduo e a dissolução do grupo. Mas a força maior que contribui para a unidade de A. A. é o amor irresistível que temos por nossos companheiros e por nossos princípios.

Você pode pensar que as pessoas do escritório de A. A., em Nova Iorque certamente deveriam ter alguma autoridade pessoal. Mas há muito tempo, tanto os custódios como os secretários descobriram que podem apenas dar discretas sugestões aos grupos de A. A. Tiveram até que cunhar algumas frases que ainda aparecem em algumas das cartas que escrevem, como por exemplo: “Claro que vocês têm toda a liberdade de resolver esse assunto como acharem melhor. Mas a experiência da maioria, em A. A., parece sugerir que...”

O escritório mundial de A. A. não dá ordens. Ele é, ao contrário, nosso maior divulgador das lições aprendidas com a experiência.

Amor + racionalidade = crescimento

“Parece para mim que o objetivo primordial de qualquer ser humano é o de desenvolver-se, como Deus pretendeu, sendo essa a natureza de tudo o que cresce.

“Nossa busca deve ser em direção à realidade que podemos encontrar, incluindo a melhor definição e sentimento de amor que podemos adquirir. Se a capacidade de amar existe no ser humano, então ela certamente existe em seu Criador.

“A teologia me ajuda, porque a maioria de seus conceitos me faz acreditar que vivo num universo racional, sob o poder de um Deus amoroso e que tinha própria irracionalidade pode aos poucos desaparecer. Esse é, suponho, o processo de crescimento para o qual estamos destinados.”

Conselheiros afetuosos

Se não tivesse sido abençoado por conselheiros afetuosos e sábio, eu poderia ter me arrepentado há muito tempo. Uma vez um médico me salvou da morte por alcoolismo, porque me obrigou a encarar a mortalidade dessa doença. Mais adiante, um outro médico, psiquiatra, me ajudou a manter a sanidade, porque me levou a descobrir alguns de meus defeitos mais profundos. De um clérigo adquiri os verdadeiros princípios, pelos quais nós, Aas, tentamos agora viver.

Mas esses preciosos amigos fizeram muito mais do que me suprir com suas capacidades profissionais. Aprendi que eu poderia recorrer a eles com respeito a qualquer problema que tivesse. Eu podia contar sempre com sua sabedoria e integridade.

Muitos de meus queridos amigos de A. A. têm mantido comigo exatamente essa mesma relação. Em muitas ocasiões, puderam ajudar onde outros não puderam, simplesmente por serem AAs.

(Fonte: Na Opinião do Bill – paginas: 18-23-27-37-53-90-144-172-203-230-273-294-303)

“AMOR EM AÇÃO”

Tudo começou há muito tempo!

O Poder Superior, Deus como cada um O concebe é amor puro. Por nos amar muito esse Amor entrou em Ação e agindo em Bill e Bob deu início nossa Irmandade. Por amor um membro de A. A. entra em ação e traz a mensagem para o Brasil. Também por amor uma companheira faz o mesmo, trazendo a mensagem de A. A. para o Paraná. Amor sem obras não é amor. Se não agirmos, se nada fizermos, o nosso amor é fútil, efêmero,

sem vida. O amor dá vida, por exemplo: o amor da esposa, o amor dos filhos e o amor de Alcoólicos Anônimos.

Quando ingressamos em A. A. vamos praticando os Passos sugeridos para a recuperação e, através deles vamos nos desenvolvendo espiritualmente. Ao praticarmos os Doze Passos, vamos marchando em direção a um tipo de amor que não tem preço. Na prática destes Passos, frutos da Ação do Amor de Deus, adquirimos, ou melhor, descobrimos em nós o verdadeiro amor: “amor paciente, bondoso, que não tem inveja, que não é orgulhoso, nem arrogante, nem escandaloso. Amor que não busca seus próprios interesses, não se irrita e nem guarda rancor. Amor que tudo desculpa, tudo crê, tudo espera e tudo suporta”.

Ao despertarmos espiritualmente, graças a estes Passos, chegamos à conclusão de que é hora de colocarmos esse “Amor em Ação”.

Procuramos então, transmitir a mensagem aos alcoólicos que ainda sofrem e praticar os princípios de A. A. em todas as nossas atividades.

Graças a esse “Amor em Ação” é que nossa Irmandade cresce a cada dia e cada vez mais irmãos e irmãs alcoólicos estão sendo salvos das garras da doença do alcoolismo. Cada um de nós tem uma DIVIDA DE GRATIDÃO para com aqueles que nos deram o “amor em Ação”: é como diz o ditado, amor com amor se paga.

Por isso devemos cada vez mais entrar em ação e levar este amor e a mensagem de A. A. até os confins do mundo; como está escrito: “Ide, pois, e ensina a todas as nações, ensinando-as a observar tudo o que vos prescrevi; eis que estou convosco todos os dias, até ao fim do mundo.”

Esta é a única forma de pagar a dívida: ajudar os outros sem nada pedir em troca. Não há dinheiro no mundo que pague a nossa sobriedade.

Pela doença ingressamos nesta Irmandade e nos tornamos irmãos e irmãs. Perante o Poder superior, Deus como nós O concebemos, o qual podemos chamar de Pai, somos todos irmãos e irmãs, por isso, convido a todos, para que, sempre de mãos dadas, como membros de uma mesma família, fazemos a declaração da responsabilidade, dizendo a uma só voz: “Quando qualquer um, seja onde for, estender a mão pedindo ajuda, quero que a mão de A. A. esteja sempre ali. E por isso, eu sou responsável.”

A paz esteja com todos e que o Senhor nos abençoe e nos guarde.

(Fonte: Revista Vivência – 114 – Jul./Ago. 2008 – Hermes F/Curitiba/PR)

POR AMOR

Pensando em dar uma força ao irmão, ele foi a uma sala de A. A. E ali permaneceu.

Não vim para A. A. porque eu queria parar de beber. Muito pelo contrário. Por mim estaria bebendo, muito feliz até hoje, pois eu bebia quando tinha vontade e parava de beber a hora que eu queria. Conseguia ficar até 48 horas sem beber. Após uma ressaca braba. Certa vez consegui ficar seis meses sem beber (foi uma única vez em 45 anos de ativa). Na época eu tinha 21 anos de idade.

Segunda feira, 6 de abril de 1998, meu irmão foi pela primeira vez a uma reunião de A. A. Na terça feira, quando ele chegou na minha loja, de manhã, (ele trabalhava comigo), foi logo dizendo todo entusiasmado: “Deni, ontem eu fui ao grupo de A. A. e gostei à beça. Você tem que ir lá. Vai adorar.”

“Pode parar”, cortei. “Se você tem problemas com bebida é problema seu. E até é bom voltar.”

“Cara, voltei na reunião de A. A. ontem e até ingressei. Vocês tem que ir lá pra ver. Vai adorar!”

“Você está igualzinho a essas pessoas que entram para alguma igreja e querem converter todo mundo. Pra gente não se aborrecer, vou te pedir um favor: não toque mais nesse assunto. Eu não sou alcoólico e não tenho problema com álcool. Nunca caí na rua, não separei de minha mulher. A bebida nunca me trouxe problema. Aquilo lá não é para mim”, ponderei, cheio de moral.

Na quinta feira Santa, à tarde, viajei para o Rio a fim de passar a Semana Santa com meus sogros e, como era de praxe, lá chegando encontrei uma caixa de cerveja em lata na geladeira. Não deu outra: bebi até ficar satisfeito, sem causar problema algum.

Na sexta feira Santa, pela manhã, resolvi polir o meu carro. Às 9 horas da manhã eu já estava todo suado e com muita sede. Pedi então à minha esposa que me desse uma “latinha gelada”.

“Hoje é sexta feira Santa, não pode beber. Se você quiser, tem vinho na geladeira.”

Foi o que ouvi.

“Manda então um copo duplo. Não sei quantos copos e nem até que hora bebi. Só sei que acordei às 21 horas com uma sede de arrasar. A primeira coisa que fiz foi ir direto à geladeira e enchi um copo de vinho.

“Viu o que você fez no assento do carro?”

Quase cai para trás.

“Você sentou no banco do motorista e colocou o copo de vinho no banco do carona. O copo virou no estofamento.”

Corri até o carro. Qual não foi a surpresa... minha mulher já havia lavado e tirado a mancha de vinho do estofamento. Entreguei o copo a ela e, mais uma vez, jurei nunca mais beber. Não bebi no sábado nem no domingo de Páscoa. Na segunda feira à tarde fui visitar uma senhora que morava a 5 quilômetros de minha casa e, na volta, lá pelas 6h20 vim pensando pelo caminho:

“Eu vou lá na sala de A. A. para dar uma força ao meu irmão, senão ele é capaz de – por falta de incentivo – voltar a beber. Pensando bem, não vou, não. O que é que vou fazer no meio daquele monte de pés inchados? Mas, se eu não for, o mano pode voltar a beber.”

E assim, vim eu pela estrada: vou não vou, quando, de repente eu estava na porta do centro de Saúde onde A. A. funciona, sem saber com eu tinha ido parar ali.

Então eu resolvi: “Vou lá, fico 15 minutos e me mando. Pelo menos ele não pode dizer que eu não dei uma força.”

Subi e, com 20 minutos de reunião, eu já estava querendo ir à cabeceira de mesa. O coordenador disse-me no intervalo que para ir à cabeceira de mesa eu teria que ingressar. Ele me deixou de castigo, mas uma hora boa para poder me ingressar.

Na terça feira, às 11 horas, saindo para almoçar, já ia eu direto tomar uma “purinha” antes do almoço. Foi quando me questionei:

“Que falta de vergonha. Ingressei ontem e hoje já vou beber?”

Segurei minha ficha amarela e fui até minha casa com ela na mão e até hoje, graças ao Poder Superior, não tive nem uma recaída. Parei de fumar e encontrei minha religião.

Eu não queria parar de beber e hoje me orgulho de ter aprendido que não basta você parar de beber. É preciso mudar, pois nada muda se você não mudar.

(Fonte: Revista Vivência – 78 Jul./Ago.-2002 Deni, Itaocara/RJ)